

**FRONDOSA AMAZÔNIA: IMPRESSÕES E (RE)SIGNIFICAÇÕES NA VISÃO DE
EUCLIDES DA CUNHA SOBRE O LUGAR**

**Leafy Amazon: impressions and (re)significations in Euclides da Cunha's vision about
the place**

Jedson Fernandes Silva¹
Tâmara da Conceição Sobral²
Fábio Rodrigues da Silva³
Willianice Soares Maia⁴

RESUMO

Neste artigo são exploradas as impressões e (re)significações da Amazônia na perspectiva de Euclides da Cunha, com base em conceitos de autores como Leandro Tocantins, Ranzi e outros que também escreveram sobre essa região. O objetivo é analisar como Euclides da Cunha observou e reinterpretou a Amazônia, transformando-a de uma paisagem exuberante em um cenário de tensões sociais, políticas e culturais. O estudo qualitativo, bibliográfico e descritivo se concentra na visão de um viajante brasileiro, destacando as várias nuances presentes na obra do escritor, que incluem tanto suas impressões positivas quanto suas decepções em relação à região, desenvolvido em diálogo com autores como Leandro Tocantins (1992), Silva (2017) e outros estudiosos que também escreveram sobre aquela região. A metodologia utilizada é estudo de narrativa de Euclides da Cunha, permitindo que a voz do viajante se manifeste diante do cenário narrado, proporcionando uma análise rica e contextualizada das suas percepções e reflexões sobre o espaço amazônico.

Palavras-chave: Impressões. Euclides da Cunha. Amazônia.

ABSTRACT

This article explores the impressions and (re)significations of the Amazon from the perspective of Euclides da Cunha, based on concepts from authors such as Leandro Tocantins, Ranzi and others who also wrote about this region. The objective is to analyze how Euclides da Cunha observed and reinterpreted the Amazon, transforming it from a lush landscape into a scenario of social, political and cultural tensions. The qualitative, bibliographic and descriptive study focuses on the vision of a Brazilian traveler, highlighting the various nuances present in the writer's work, which include both his positive impressions and his disappointments regarding the region, developed in dialogue with authors such as Leandro Tocantins (1992), Silva (2017) and other scholars who also wrote about that distinct place. The methodology used is the study of narratives by Euclides da Cunha, allowing the traveler's voice to speak out in the narrated

¹ Discente do curso de Licenciatura em Letras do IFAL

² Discente do curso de Licenciatura em Letras do IFAL

³ Discente do curso de Licenciatura em Letras do IFAL

⁴ Profa. Dra. Do Instituto Federal de Alagoas e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras.

E-mail: willianice.soares@ifal.edu.br

scenario, providing a rich and contextualized analysis of his perceptions and reflections on the Amazonian environment.

Keywords: Impressions. Euclides da Cunha. Amazon Forest

1. Introdução

A Amazônia, uma região que desperta o fascínio e o imaginário de pessoas em todo o mundo, é um local de grande complexidade e diversidade. No entanto, a visão da Amazônia nem sempre foi a mesma ao longo da história. Neste artigo, abordaremos a forma como Euclides da Cunha, influenciado pelas ideias de autores como Leandro Tocantins, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, concebeu e (re)significou a Amazônia.

(Euclides da Cunha), renomado escritor e sociólogo brasileiro, é amplamente conhecido por seu trabalho em "Os Sertões," que originalmente não abordava a Amazônia, mas sim a Guerra de Canudos, ocorrida no sertão nordestino. No entanto, Euclides da Cunha ao observar a geografia e o povo da região amazonense, percebeu uma conexão profunda com a Amazônia. Influenciado pelo entendimento do geógrafo Leandro Tocantins, que via o sertão e a Amazônia como duas partes de um todo, Euclides da Cunha passou a interpretar a região sertaneja como um desdobramento das tensões que permeavam a frondosa Amazônia.

Entretanto a chamada terra da esperança, após atingir os intentos iniciais do grupo dominante, levando milhares de trabalhadores a lugares que eles jamais imaginariam existir, tratou-se de desenrolar, aos olhos daqueles sujeitos atraídos, a verdadeira e cruel face da vida que teriam de enfrentar a partir daquele momento. Não estamos, de maneira alguma, defendendo conceitos cristalizados, como Inferno verde, dentre tantos outros que se referem à Amazônia. Outrossim, torna-se necessário, ao analisar o contexto, tentar compreender o sentimento que invadiu aqueles sujeitos, ao se depararem com o imenso e fechado lugar que é a floresta amazônica, totalmente desconhecida e na qual sequer tinham ideia de como sobreviver. Em consequência a forma como chamavam o lugar, Inferno, como forma de ilustrar tal angústia.

Feitas as considerações sobre dois dos conceitos imagéticos que circundam a construção discursiva da Amazônia, temos, então, uma dualidade entre *Inferno Verde* e *Eldorado*, discurso continuamente alimentado pelos viajantes que se aventuraram pela região amazônica, com destaque para o território atualmente pertencente ao estado do Acre. Muitas dessas narrativas, recheadas de alusões à selva, seres mágicos, perigos iminentes, índios canibais, entre tantos outros elementos fantásticos, ajudaram a manter o discurso da Amazônia como um lugar ao mesmo tempo mágico e infernal.

Paralela a essas construções narrativas, surge a ideia de que, aos olhos da nação brasileira, tal lugar deveria ser conquistado, colonizado e devidamente anexado às terras nacionais. A partir da assimilação de tal discurso, começam a ser organizados os mais diversos tipos de expedições, voltadas, em sua maioria, a posse das terras amazônicas e estabelecer colônias, representantes simbólicas da presença de uma soberania nacional. Mais uma vez, vemos a prevalência de um discurso colonizador, que desconsiderava, por exemplo, a existência de grupos indígenas instalados há séculos naquelas regiões.

2. Euclides da Cunha e a Amazônia

O invasor passa, a ser considerado herói, como pode ser visto nos relatos do escritor brasileiro Euclides da Cunha, que viajou para a floresta Amazônica, em 1905, como funcionário do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, com o intuito de demarcar o trajeto do rio Purus e contribuir para as definições de fronteira do país com o Peru e a Bolívia.

Uma Amazônia relatada a partir do olhar do viajante, descrita por ele, as imagens expostas por ele. Euclides da Cunha a descreve a partir das semelhanças que lhes convém, ou seja do que lhe é comum no modelo do que os cerca e assim a compara e assim a faz reconhecer, como sugere Foucault, “é suficiente – pela via da semelhança – seja tão logo perturbada, feita de incerteza e flutuação. [...] Enquanto a exatidão da imagem funcionava como um índice na direção de um modelo” (FOUCAULT, 2016, p. 59).

Todavia antes de contemplar e narrar a Amazônia, Euclides da Cunha começa sua viagem partindo da capital Rio de Janeiro, em direção ao paraíso perdido, uma viagem longa que levaria meses até seu destino final. Durante o percurso, Cunha troca algumas ideias com os companheiros, sobre o que esperar, pois já conhecia o relato dos europeus, mas, queria ver com seus próprios olhos, e tirar suas conclusões e levar para a capital uma narrativa de um brasileiro, ou seja, o olhar peculiar sobre a Amazônia. Não somente descrevendo-a, mas poetizando-a com todos os detalhes naturais daquele lugar esplêndido e majestoso, assim era como relatava Cunha, quando verbalmente imaginava ao encontrar-se com aquele lugar.

Cunha ficou surpreso ao chegar à Belém e se deparou com tamanha cidade, com características já desenvolvidas e culturas europeias, assim Cunha relata,

Nunca esquecerei a surpresa que me causou aquela cidade, escreve ao pai. Nunca São Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém com os seus edifícios desmensurados, as suas praças incomparáveis e com a sua gente de gente com

hábitos europeus, cavalheira e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem. (TOCANTINS, 1992, p. 39).

Porém, logo se dispersa desse sentimento da cidade de Belém e se volta para o quão significativo era o retrato e as imagens que o levaram à Amazônia, descrevendo-a, ora como local de aventura, logo em seguida, como cenário bárbaro.

Euclides, acompanhando os fatos pelos jornais, previra uma nova oportunidade para lançar-se em outra aventura de espírito: não só escrevendo, comentando os fatos como, principalmente, vivendo, de corpo inteiro, o drama que se desenrolava nas solidões amazônicas. Era como se fosse o canto de uirapuru, e ele, magnetizado, obedecendo voluptuosamente aos apelos da terra desconhecida, onde sua imaginação armava um cenário talvez mais grandioso e bárbaro que os dos sertões de canudos. (TOCANTINS, 1992, p. 35)

Há em Euclides da Cunha qualquer coisa que lembra um profeta bíblico. No que escreve. Nas suas atitudes. Naquele olhar grande e triste que parece refletir devoção: devoção ou mística pelo drama, seja o drama do homem, ou da natureza que ele vai com as distorções, a cor, a tensão espiritual, a desesperação, o estremecimento de uma paisagem de Van Gogh. Às vezes, com um grito de dor, um ritmo convulso e febril. (TOCANTINS, 1992, p. 35).

Tocantins contempla a Amazônia no mesmo viés de Cunha, descrevendo-a com fidelidade a partir dos documentos e cartas, sentindo fervorosamente o que Euclides abordava nos discursos sobre aquele lugar de que havia a necessidade de ser discutido e contemplado por um brasileiro ou porque não dizer brasileiros. Assim, poeticamente, era descrita a Amazônia, tanto nos moldes de Euclides como no de Tocantins.

Seguindo viagem, Cunha se encanta cada vez mais com as imagens e com as fotografias mentais que registrava. Tudo era magnífico, como se adentrasse em outro mundo, o desconhecido, mesmo tendo uma prévia lida nos relatos de viagem, tudo era novo, vendo com seus próprios olhos a magnitude da floresta e seus encantos narrados por ele.

Euclides da Cunha foi um intérprete do Brasil – particularmente de um dos Brasis – a quem não faltou exatidão no ver e no observar. No retratar o visto ou o observado, é que deixou, muitas vezes, de ser simples fotógrafo, ao modo dos realistas convencionais, para buscar, em homens e paisagens, um mais real que o real. Foi então subjetivo. E deu à interpretação do Brasil a marca do seu brasileirismo místico. (TOCANTINS, 1992, p. 41).

Era um mundo a ser descoberto por Euclides, um mundo pouco estudado, pouco visto, até então, havia os interesses econômicos. Literariamente, pode-se dizer que no Brasil principiou a crônica sobre a Amazônia com Euclides da Cunha, visto que havia nesse cenário por ele como escritor e interesse do governo pelo território desconhecido, assim,

Na pintura de um cenário que não viu ainda, mas apenas entrevê com sua intuição de pintor expressionista da natureza, ele reafirma o subjetivismo através do qual se manifesta em muitas das cenas descritivas de Os Sertões.

Mesmo sem conhecer a Amazônia, a não ser de leitura, Euclides “via” esse mundo estranho por meio de um singular poder de intuição, que o ajudava a criar uma consciência pessoal, acima de qualquer fator de ambiente, personagem e ação. A paisagem, os homens, as plantas, os animais podem ser essenciais para uma coleta global de impressões, mas, ao invés de reproduzi-los, como faria um impressionista, ele comunica visões, sentimentos, emoções de seu mundo interior, sob o impacto de uma realidade externa. Melhor: as suas reações pessoais a essa realidade externa. (TOCANTINS, 1992, p. 35).

Mesmo sem conhecer, percebe-se o real interesse e entusiasmo de Cunha em escrever sobre a Amazônia. Outros também veem vantagem, principalmente no mundo acadêmico, visto que ainda é a maior reserva de floresta do mundo, o que gera muitos artigos e livros sobre o lugar, além dos misticismos e imaginários que imperam até 2022 sobre a Amazônia. Silva sugere que,

A temática das Amazônias desperta enorme interesse no mundo acadêmico e fora dele. Não somente por sua biodiversidade e riqueza natural, mas, sobretudo, do ponto de vista cultural. As Amazônias sempre tiveram, de uma forma ou de outra, o dom de impressionar, maravilhar e envolver aqueles que sobre elas se debruçam. Falar sobre esta região plural solicita a articulação de novas epistemes, sustentadas por um conhecimento pautado nas experiências sociais dos sujeitos que a compõem, independente de quem as produza. Por meio desse enfoque, a pluralidade epistemológica pode conferir à região uma oportunidade de tornar visível sua diversidade de culturas e comunidades por séculos silenciadas. (SILVA, 2017, p. 19).

Euclides, todavia, vai além dessas experiências, ele vai ao âmago da floresta, para resgatá-la dos discursos dos colonizadores. Destarte, para continuar, é necessário adentrar no contexto histórico para compreender o propósito desses termos, portanto,

Quando Euclides da Cunha conheceu a Amazônia é sabido, em 1905, o Brasil presenciou grandes transformações políticas e sociais, sobretudo e especialmente no tocante a economia, em virtude do fim da escravidão por volta de 1888, período em que o país experimentava profunda transformações em todos os aspectos da sociedade, tendo por foco a produção do café. Naquele momento, a economia brasileira começava a se desenvolver e a acumular capitais, conseguidos, em parte, através das enormes cifras obtidas com a exportação de borracha, que tinha como centro de captação as cidades de Belém e Manaus. Como consequência – embora naquela época poucos as imaginassem assim –, essas duas cidades foram submetidas a profundas transformações, devido ao aumento na produção do látex. Essa produção movimentava grande contingente de pessoas provenientes de todas as partes do país e do mundo, a fim de suprir a escassez de mão-de-obra e conseguir manter ativa essa economia, o que acabou ocasionando mudanças radicais na infraestrutura e dinâmica sociocultural dessas cidades. (SILVA, 2017, p. 35) Por isso mesmo, nesse período, chegavam nessas cidades muitos migrantes nordestinos e estrangeiros atraídos pelo sonho de acumular riquezas e reconstruir a vida em um lugar oposto a árida paisagem da terra natal. Esses sonhos, somados aos discursos políticos que circulavam naquele momento, com ênfase nas secas, os impulsionavam a buscar as riquezas da região edênica. (SILVA, 2017, p. 35).

Mais tarde, os que exploravam as seringueiras, os seringueiros, eram chamados por Cunha de “destemerosos sertanejos”, os que eram capazes definitivamente de se fixarem na terra e dela fazer morada, pois muito difícil seria retornar a sua terra natal. Assim foi a história de Guilherme, na obra de Pimentel Gomes – *A Conquista do Acre*.

Parto para o Amazonas

A despedida foi dura. Choraram minha mãe, meus irmãos, meu querido pai. Eu também chorei muito. Com os olhos rasos de lágrimas, via a casinha, a nossa casinha desaparecer na curva da estrada. Ao lado, Teotônio me animava:

- Seja homem, Guilherme! Que diabo! Seis anos passam depressa! Voltaremos ricos. O futuro está na Amazônia. (GOMES, s/d, p. 8)

Esse contexto reunido nessa breve história descreve a maioria daqueles que foram para a região amazônica em busca de riquezas. Euclides pôde vivenciar parte dessas histórias, as quais não pôde deixar de descrever, mas seu real propósito não ficou para trás, de poetizar o lugar, e o fez com maestria, mesmo diante de tal contexto histórico, que foi muito debatido em temas acadêmicos e do qual ainda existem muitos debates sobre a temática.

Voltemos à longa e quase interminável viagem de Euclides da Cunha à Amazônia, em que profunda e retalhadamente vai descrevendo o lugar com bravura e temor, uma vez que, vai olhando a partir de um panorama único e inigualável, mesmo já sabendo o que viria, todavia se encantava ao ver aquela nebulosidade se desfazendo e refazendo à sua frente, pois ali,

Começa a realizar-se o Euclides mestre-pintor das paisagens exóticas, marcadas, sempre, pelo dramático extraído dos elementos – um gesto angustiante da flora, um feitio singular da planta, um esgar da água criadora, uma plástica silenciosa do lodo. Tudo a criar um mundo propício ao estilo simbólico e contorcido de Euclides, que, nessa altura, ainda se encontrava em viagem pela zona do estuário amazônico, sujeito ao regime das marés, e onde cresce e se expande aquela flora de nomes esquisitos – canaranas, aturiás, apuiranas, jaquiris, aningas – que servem esplendidamente às intenções esculturais do autor.

Seus olhos arregalados contemplam e entendem melhor a paisagem que se vai desenrolando para o observador no convés do navio, como se fosse uma gigantesca tela de cinema operado em câmera lenta. (TOCANTINS, 1992, p. 46)

Perdido em pensamentos e deslumbres, naquele mundo emaranhado do desconhecido, Euclides mapeava a Amazônia com louvor, com cada detalhe, sem deixar escapar quaisquer imagem ou paisagem.

Cunha ia se deleitando na ordem, desordem do observar dos seus olhos do qual uma “visão de uma das amazônias em que ele apenas começava a tocar, mas já tocando com mãos

sensíveis, a transmitir, não só através do tato, mas dos olhos, do ouvido – sensualmente- as peculiaridades flagrantes da terra grávida de revelações e de mensagens.” (TOCANTINS, 1992, p. 67-48). O lirismo nas observações de Cunha, é um lirismo ruidoso, retratado por ele na sua visão de figurante, personagem quando descreve a grandeza do lugar, a flora, a fauna – a geografia.

A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza. Nos meios dias silenciosos – porque as noites são fantasticamente ruidosas -, quem segue pela mata vai com a vista embotada no verde-negro das folhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos arborescentes emparelhando na altura com as palmeiras, e as arvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flores, tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades, como se rompesse o recesso de uma daquelas mudas florestas carboníferas desvendadas pela visão retrospectiva dos geólogos.

[...] é nas bordas silenciosas e desertas dos rios um pequeno ponto, obscuro, presença neutra nas imensas e horizontalmente verdes planícies, Euclides lança-se ao chão da terra, e vê com sangue, sal e mel somente a natureza crua, faz-nos aspirar o seu cheiro denso, o hábito de passados e presentes inapreensíveis a criaturas que não ele, tocado pelo gênio da percepção e criação. (TOCANTINS, 1992, p. 49-51)

Euclides da Cunha chega à Manaus e narra sobre os descontentamentos daquele lugar, dentre eles o clima, o mesmo descontentamento que teve ao encontrar a cidade de Belém, todavia com um diferencial, ali havia, em maior número, os seringueiros.

Chega à Manaus, nos últimos dias do ano, e se queixa, em carta a Afonso Arinos, das atrapalhões e embaraços que o rodeiam, aqui nesta ruidosa, ampla, mal arranjada, monótona capital dos seringueiros. O clima quente e úmido o aborrece. Este delicioso clima do ilustre e ingênuo Bates, resume-se num permanente banho de vapor. Deve ser admirável para o organismo das palmeiras. E quer partir logo – daí a minha ânsia de partir -, quer, mais que depressa, alcançar a forte distração de meu duelo com o deserto, nesta majestosa arena de quinhentas léguas que me oferece o Purus.

Sua simpatia por tudo o que é o Brasil ameniza a impressão do clima: Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolitismo desta Manaus, onde em cada esquina range o português emperrado ou rosna rispidamente o inglês e canta o italiano – a nossa gente ainda os suplanta com as suas belas qualidades nativas de coração – e, de certo, uma das minhas impressões de sulista está no perceber que o Brasil que o Brasil ainda chega até cá. (TOCANTINS, 1992, p. 51)

A partir das suas impressões, Euclides vai tecendo a urdidura acerca da Amazônia, mostrando-se escritor, como um exímio na arte de quem o faz, delineando assim um mapa amazônico pelo viés de um brasileiro, contudo, ele seguia perdido entre o céu e o inferno, o certo e errado, ou por que não dizer, perdido nos seus próprios pensamentos.

Quanta coisa a dizer! – o desapontamento que me causou o Amazonas, menos que o Amazonas que eu trazia na imaginação; a estranha tristeza que nos causa esta terra amplíssima, maravilhosa e chata, sem um relevo onde o olhar

descanse; e, principalmente, o tumulto, a desordem indescritível, a grande vida à gandaia dos que a habitam... estou numa verdadeira sobrecarga de impressões todas novas, todas vivíssimas e empolgantes. Preciso de uma situação de equilíbrio para o espírito. (CUNHA, 1905, p. 254-255)

Em carta à José Veríssimo, o escritor confessou:

[...] E, sem o querer, achei o traço essencial deste portentoso habitat. É uma terra que ainda se está preparando para o homem – para o homem que a invadiu fora de tempo, impertinente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso. Hei de tentar demonstrar isto. Mostrarei, talvez, esteiando-me nos mais secos números meteorológicos, que a natureza, aqui, soberanamente brutal ainda na expansão de suas energias, é uma perigosa adversária do homem. Pelo menos em nenhum outro ponto lhe impõe o regime animal. Neste perpétuo banho de vapor todos nós compreendemos que se possa vegetar com relativa vantagem, mas o que é inconcebível, o que é até perigoso pela soma de esforços exigidos, é a delicada vibração do espírito e a tensão superior da vontade a cavaleiro dos estimulantes egoísticos (CUNHA, 1905, p. 254-255).

E para Artur Lemos, voltou a falar da imensidão da natureza amazônica:

Se escrevesse agora esboçaria miniaturas do caos incompreensíveis e tumultuárias, uma mistura formidável de vastas florestas inundadas de vastos céus resplandecentes. Entre tais extremos está, com as suas inumeráveis modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido... Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton, esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem. Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas: é um infinito que deve ser dosado. (CUNHA, 1905, p. 254-255).

Nas cartas que enviou aos amigos e até para a capital, notamos certa insatisfação. Acredita-se, pelo tempo que Euclides se dedicou a essa viagem, pois foi muito longa e tardia, que a solidão em meio à floresta causou uma tortura desmedida, posto que tal comportamento é do homem selvagem. Na visão do europeu, o viajante, precisa adaptar-se ao meio, totalmente desconhecido e inóspito, mas, como escritor, fez-se necessário tolerar os descontentamentos e se enveredar em meio à floresta, para depois arguir sobre ela.

Euclides da Cunha, apesar da sua vida como engenheiro, adotou a literatura de não-ficção, que foi um grande legado para a história brasileira, uma vez que ele pouco se adaptava aos tipos e moldes da sociedade urbana, indo em busca do paraíso perdido era uma forma de escapar do real que o cercava. Desta maneira ele podia se deleitar na escrita, realizar sua grande vontade de viajar e fotografar a Amazônia, mapeá-la histórica e geograficamente.

Euclides teve uma vida extremamente amargurada. Era um inadaptado à vida social, pelo seu temperamento arredo e comumente explosivo; escolheu uma profissão que não o fez feliz, a Engenharia. Mesmo tendo sido um engenheiro comprovadamente competente, numa época em que o país necessitava de engenheiros, vivia numa humilhante situação de penúria, sem nunca ter tido uma residência fixa. As cartas escritas para amigos e parentes permitem deduzir que foi para ele um fardo muito pesado ser, ao mesmo tempo, o

escritor glorioso e o engenheiro obscuro, mal remunerado, que vivia de um lado para outro, sem paradeiro certo. Teve uma vida precária, sem poder oferecer o mínimo conforto à família, também errante como ele, em decorrência da profissão; teve um casamento sem amor, movido apenas por um impulso romântico que se dissiparia logo depois do enlace. Sentia-se um estrangeiro dentro da própria casa. Seu matrimônio caminharia para uma irreversível tragédia. Em meio a tantas amarguras, havia uma paixão que o arrebatava, o seu verdadeiro oásis, que era mundo das letras. Parece que só ali ele conseguia se realizar plenamente como homem. (GUEDELHA, 2013, p. 88).

Na Amazônia, ele se realizou como contribuinte jornalístico e historiador, sendo brasileiro, brindando aos leitores com um olhar local sobre a Amazônia, mesmo com todas as frustrações durante essa odisséia, ele conseguiu se impor como escritor da Amazônia e a descreveu com por menores, com a perspectiva de quem nasceu no Brasil.

Representando os interesses da nação brasileira, Cunha ([1909]1998) exaltou a bravura dos expedicionários e trabalhadores nordestinos, apagando, em sua construção discursiva, o habitante original do lugar ou reduzindo-o à categoria de “índio selvagem”. A seguir, um pequeno excerto das narrativas de Cunha sobre sua viagem:

O Acre foi obra dos seringueiros, heróis anônimos, desesperadamente instalados numa região hostil, mas promissora. Com audácia e bravura, o extraordinário nordestino penetrou laboriosamente a selva, desafiando a natureza e as flechas envenenadas dos “índios selvagens” para conquistar palmo a palmo o território e integrá-lo à nação. Como o bandeirante, o seringueiro deflorou a floresta e domou a natureza caótica. A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Faltam-lhe a vestimenta de matas os recortes artísticos do trabalho (...). Há alguma coisa extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza. (CUNHA, 1905, p. 254-255)

E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável, se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam aformoseando-a: domam-na. O cearense, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heroicas. Disciplinadas pelos reveses, garantem-lhe, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável (CUNHA, 1909, p. 88-89).

As construções discursivas de Cunha sobre as excursões ao território amazônico, atualmente chamado Acre, dividem-se, segundo o autor, em duas categorias de sujeitos inseridos no contexto da floresta: os seringueiros, a quem chama de heróis, e os índios, que são classificados como selvagens. Observamos, no pensamento do viajante, enquanto representante do estado brasileiro, que a demarcação de terras e as possibilidades de desenvolvimento para aquela região, conforme o pensamento da época, esquecia os nativos e isso, de acordo com o

autor, garantiria a continuação de um projeto que pudesse transformar a floresta em uma parte legítima da nação brasileira. Consideramos importante destacar que, na “invenção” da nação chamada Brasil, a inclusão do nativo de qualquer etnia foi considerada um entrave para o processo civilizatório. Portanto, este precisava, antes, ser assimilado, incluído na cultura dos colonizadores europeus para, então, ser parte da nova sociedade que se erigia.

Ao utilizar, por exemplo, o termo “conquistar”, Cunha está, do ponto de vista discursivo, afirmando que aquele território não tinha dono legítimo, pertenceria a quem tivesse condições de apoderar-se dele. Afirmção que de fato não é verdade, na medida em que, historicamente, habitavam aquele território milhares de grupos étnicos, sobrevivendo de maneira organizada, estruturada, com suas regras sociais, seu modo de organização e com uma relação saudável e pacífica com a floresta, de onde tiravam seu sustento de maneira não predatória. Essa forma de vida não correspondia ao ideal de desenvolvimento proposto pela atividade exploratória, fundada em práticas como o desmatamento e destruição dos recursos naturais, em troca do enriquecimento de grandes patrões e corporações internacionais.

O escritor tentou, além do mais, desmerecer a floresta, ao afirmar que era desgraciosa pelo fato de ser “nova”, necessitando, portanto, da intervenção exploratória para tomar o formato adequado aos interesses dos ricos. O discurso Euclidiano se constituiu, portanto, de uma ideologia unilateral, onde aquele que exerce o poder por meio do discurso e do capital tem o direito de decidir quais as prioridades e quais direcionamentos serão dados ao processo de invenção de uma nova comunidade.

Em seguida, Cunha mencionou os preciosos produtos possíveis de serem adquiridos sem a necessidade de cultivá-los, certamente referindo-se às árvores nativas da Amazônia, como a seringueira, que era a mais desejada naquela ocasião. Conforme o pensamento da época, o escritor considerava inconcebível que houvesse uma natureza preservada. O Brasil não deveria esquecer que possuía, em suas florestas, uma quantidade grande de recursos naturais, o que não incluía, obviamente, nenhum tipo de plano de reflorestamento ou de respeito à diversidade cultural do local, em razão de tal postulado ainda não estava presente na ciência da época e o Brasil era ainda um país jovem que precisava de um projeto de desenvolvimento econômico, conforme a mentalidade daquele período.

3. Discurso e Poder

Para entender como Euclides da Cunha (re)significou a Amazônia, é fundamental recorrer às ideias de Michel Foucault., em suas obras, discutiu o papel do discurso na construção do conhecimento e do poder. Ele argumentou que as representações sociais são moldadas por

discursos que refletem as estruturas de poder da sociedade. Euclides da Cunha, ao trazer o sertão para o contexto da Amazônia, adotou uma abordagem discursiva para interpretar a região. Ele viu a Amazônia não apenas como uma paisagem exuberante, mas como um lugar de conflitos, de disputas territoriais e culturais. Essa visão (re)significou a Amazônia como um palco de tensões e contradições.

Mikhail Bakhtin, destaca a multiplicidade de vozes e discursos que coexistem em um contexto social. Essa ideia pode ser aplicada à visão de Euclides da Cunha sobre a Amazônia. Ao (re)significar a região, ele incorporou as vozes das diferentes populações que habitavam a Amazônia, destacando as tensões entre indígenas, colonizadores, seringueiros e outros grupos. Essa abordagem heterodiscursiva permitiu a Euclides da Cunha explorar as múltiplas camadas de significado da Amazônia e como essas vozes se entrelaçavam e entravam em conflito.

4. Considerações Finais

Euclides da Cunha, influenciado por autores como Leandro Tocantins, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, proporcionou uma (re)significação profunda da Amazônia em sua obra "Os Sertões." Ele deslocou o foco da narrativa do sertão nordestino para a região amazônica, enxergando-a como um espaço de tensões e contradições, onde as vozes e os discursos se entrelaçavam em uma complexa rede heterodiscursiva. Essa visão transformou a Amazônia de uma paisagem frondosa em um lugar de intensas relações sociais, políticas e culturais, contribuindo para uma compreensão mais ampla e rica da região. Através da intersecção entre a literatura, a geografia e a teoria do discurso, foi possível entender que Euclides da Cunha trouxe à tona uma Amazônia multifacetada, que continua a inspirar reflexões e debates até os dias atuais.

5. Referências Bibliográficas

CUNHA, Euclides da [1909]. **Um paraíso perdido:** ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Fundação Cultural do Acre. Rio Branco, 1998.

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e confrontos.** Rio de Janeiro: Record, 1975. Acesso em 21/11/2012: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro.

CUNHA, Euclides da. **Obra completa. vol. 1.** Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história.** São Paulo: Martim Claret, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FABRÍCIO. Branca Falabela. **Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”**– Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Graciano Barbachan. Publicação Original: 1970.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Revolução acreana**. Disponível em **Erro! A referência de hiperlink não é válida.**. Acesso em 24 de fevereiro de 2020.

GOMES, Pimentel. **A conquista do Acre**. Edições melhoramentos. São Paulo. s/d.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. **A metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha**. Tese de doutorado. UFSC. Santa Catarina, 2013.

KLEIN, Herbert S. História da Bolívia. Tradução de Tânia Quitaneiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1987.

LANGER, Johnni. O mito do eldorado: origem e significado no imaginário sul-americano (século XVI). **Revista de História**. São Paulo, 1997.

LE GOFF, Jacques; DUBY, Georges; LE ROY LADURIE, Emmanuel. **A nova história**. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 09-84.

LIMA, Manoel Ferreira. **A Bolívia de 1880 a 1905: nas relações exteriores e a questão do Acre**. Niterói: UFF, 1991.

MANNHEIM, K. **O problema da intelligentsia**. In: MANNHEIM, K., *Sociologia da cultura*. SP: Perspectiva/EDUSP, 1974^a.

MARQUES DE MELO, José. ASSIS, Francisco. **Gêneros jornalísticos**. São Bernardo dos Campos.: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MOITA LOPES, L. P. (orgs.) **Por uma Linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

NASCIMENTO, Luciana. **Cidade de papel e floresta: uma leitura de A represa: romance da Amazônia**, de Océlio Medeiros. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 33, n. 1, p. 75-86, jan./jun. 2011.

NASCIMENTO, Luciana. **De vitrines e multidões: o nascimento do espaço urbano moderno**. *Temas e Matizes*. UNIOESTE. P. 63 -70. Paraná, 2005.

ORLANDI, Eni Puccineli. **As formas do silêncio** – no movimento dos sentidos. Campinas, Ed. da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni Puccineli. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccineli (org.). **Discurso fundador**. A formação do país e a construção da identidade nacional. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2003.

PEIXOTO, Fabrícia. **Linha do tempo**: Entenda como ocorreu a ocupação da Amazônia. BBC Brasil em Brasília. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/07/090722_amazonia_timeline_fbd. Acesso em 23/03/2020.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. Amazônia: inferno verde ou paraíso perdido? cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha. **Nova revista amazônica**. UFPA. Pará, 2017.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde**: cenas e cenários do Amazonas. 6ª edição. Manaus: Editora Valer, 2008.

RANZI, Cleusa Maria Damo. **Raízes do Acre**. Rio Branco: Ed. EDUFAC. 2008.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. **A questão geopolítica da Amazônia**: da soberania difusa à soberania restrita / Nelson de Figueiredo Ribeiro. Brasília: Senado Federal, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino americano. In: **Uma literatura nos trópicos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, Diego Correia da. **Entre idas e vindas, entre ganhos e perdas**: a trajetória de camponeses brasileiros em vivências na fronteira boliviana com o Acre. São Carlos, UFSCAR, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionários de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Maria da Luz Soares da. **Viagens na minha terra**: a Amazônia (re)visitada no inferno verde. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

SOUZA, Márcio. **Galvez: imperador do Acre**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

TOCANTINS, Leandro. **Amazonas, natureza, homem e tempo**: uma planificação ecológica da Amazônia. 2. Edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/ Civilização Brasileira, 1982.

TOCANTINS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. Ed. Conquista. Rio de Janeiro, 1973.

VAN DIK, Teun A. **Discurso e poder**. HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karina. (Orgs.) São Paulo: Contexto, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem 12^a ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.